

Resenha: *As Barbas do imperador, D. Pedro II: um Monarca dos Trópicos*, de Liliam Moritz Schwarcz. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.

JACIR GUILHERME VIEIRA*

Numa conversa informal num consultório médico, dessas em que se fala de Indo sem nada aprofundar, um senhor falava que jamais estudaria ou faria um curso de História, pois detestaria decorar e guardar datas e nomes de pessoas importantes. Isso tudo carregado de intenso bom humor.

Em oposição a essa visão positivista, que sem dúvida contribuiu para a construção da história como ciência, e que ainda persiste na visão do senso comum como também na maioria dos livros didáticos, surgiram outros modelos explicativos para se fazer história. Um dos mais importantes foi o Materialismo Histórico e dialético, cuja análise privilegia, principalmente, as relações econômicas e sociais da realidade estudada. Recentemente, podemos perceber também uma influência importante da historiografia francesa, que encontrou campo fértil no Brasil, principalmente entre os historiadores que passaram a trabalhar com o livro *"Questão do imaginário, da representação, do simbólico"*, abrindo espaços e utilizando-se dos mais variados tipos de fontes, banindo definitivamente a ditadura das fontes escritas. Nesse sentido a pesquisa tem dado saltos importantes, com os mais variadas lemas possíveis.

Dentro dessas novas formas de conceber o estudo da história, apresentamos a obra da professora Liliam Moritz Schwarcz, do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, IISP, que lançou pela Companhia das Letras "As BARBAS DO IMPERADOR", trabalho agradabilíssimo de ser lido, sobre um dos períodos mais importantes da nossa história: o Império. Sem possuir o objetivo tão recorrente entre os historiadores de buscar culpados entre Monarquistas e Republicanos, a antropóloga preocupou-se com a perspectiva de descortinar o reinado do Imperador Pedro II:

"Nesta batalha simbólica travada entre República e Monarquia melhor do que descobrir vencedores é repensar a importância da dimensão cultural. Seguindo as pistas de Bronislaw Malinowski, que aponta para a relevância do estudo dos sistemas simbólicos de uma sociedade, percebemos que todo o regime político estabelece em sua base um imaginário social constituído por utopias e ideologias mas também por mitos, símbolos e alegorias, elementos poderosos na conformação do poder político, especialmente quando adquirem aceitação popular".

* Professor Departamento de História - IIFKR
Doutor em História - IIFPF

cidade para formação acadêmica de tradutores e intérpretes e participar regularmente de cursos especializados nessa área com horas de prática supervisionada.

Se em termos de tradução a fidelidade é algo inalcançável e, portanto, a presença do intérprete causa impacto na produção/compreensão do discurso nas audiências, é desejável então que os juízes reavaliem a responsabilidade que atribuem a este profissional, que irá interpretar seus discursos e dos demais que participam deste espaço de enunciação que é o interrogatório.

Referência Bibliográfica

- ARROJO, Rosemary. Oficina de tradução - a teoria na prática. São Paulo: Ática, 2ª edição, 1992.
- BRANDÃO, Helena H. N.. Introdução à análise do discurso. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 7ª edição, (s/d).
- DIONÍSIO, Ângela R. Análise da conversação. In: MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (org). Introdução à linguística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 69-97, 2001.
- GAMAL, Muhammad. Court interpreting. In: BAKER, Mona (ed). Routledge encyclopedia of translation studies. London/New York: Routledge, 53-56, 1998.
- JESUS, Damásio E. de. Código de processo penal anotado. São Paulo: Saraiva 1998.
- KOCH, Ingedore V.. A inter-ação pela linguagem. São Paulo: Contexto, 1998.
- LEITE JÚNIOR, Edgard H. (org.). Código de processo civil. São Paulo: Rideel, 4ª edição, 1998.
- MIRABETE, Júlio F.. Processo penal. São Paulo: Atlas, 4ª edição, 1995.
- ROSA, António J. M. F.. Processo penal. Brasília, Distrito Federal: Editora Consulex, 1ª edição, 310-351, 1999.